

De fé em fé, caminhamos!

Por uma teologia da missão evangélica luterana no chão brasileiro

Roberto E. Zwetsch*

Resumo: Nesse artigo o autor procura desenvolver alguns elementos para uma teologia da missão evangélica luterana em confronto com a realidade cultural e religiosa diversificada que caracteriza a sociedade brasileira. Ao final, propõe que as duas igrejas luteranas irmãs assumam em conjunto o fato de que na missão poderão experimentar liberdade para servir e o carisma da unidade a partir do evangelho libertador de Cristo como fruto de uma caminhada de fé em fé.

Resumen: En este artículo el autor procura desenvolver algunos elementos para una teología de la misión evangélica luterana en confrontación con la realidad cultural y religiosa diversificada que caracteriza a la sociedad brasilera. Al final, propone que las dos iglesias luteranas hermanas asuman en conjunto el hecho de que en la misión podrán experimentar libertad para servir y el carisma de la unidad a partir del evangelio libertador de Cristo como fruto de una caminata de fe en fe.

Abstract: The author seeks to develop elements for a Lutheran Evangelical mission theology faced with the multifaceted cultural and religious reality characteristic of Brazilian society. He concludes by proposing that both Lutheran sister churches, together, accept the fact that in mission they may experience freedom to serve and the charisma of unity, grounded on the liberating gospel of Christ, the fruit of a journey of faith, in faith.

* Professor de Teologia Prática e Missiologia na Escola Superior de Teologia (EST) e doutorando do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia em São Leopoldo, RS.

“Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego, visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: o justo viverá por fé”
Romanos 1.16s.

Este texto foi apresentado na 3ª Conferência Interluterana organizada pelas Igrejas Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo, RS, nos dias 24 e 25 de junho de 2005. Senti-me honrado e desafiado a apresentar algumas idéias para uma teologia da missão em perspectiva evangélica luterana. Principalmente porque, como é sabido, não temos muito do que nos orgulhar no campo da missão, ainda que certas críticas provavelmente sejam exageradas ou maldosas. Aceito o desafio, iniciei a exposição, fazendo reconhecimento histórico e espiritual. Até para que saibamos que não estamos começando um processo histórico novo, mas somos herdeiros de um passado que – devidamente acolhido e interpretado – pode nos ajudar na caminhada do evangelho em nosso tempo, a partir da pergunta sobre o que é missão para nós neste século 21 e como vamos nos inserir na missão em fidelidade ao chamamento do Deus da Vida. Iniciei, pois, com uma memória em respeito e honra dos que nos precederam. Seguiu-se, então, a palestra ora publicada.

Memória da missão

Faço memória do Pastor Johannes Leonhard Hollerbach, procedente da Missão de Basiléia, chegado ao Brasil em 1862. Trabalhou no interior de Minas Gerais, na região do rio Mucury, tendo pregado muitas vezes a escravos e católico-romanos em português. Chegou até mesmo a solicitar aos senhores que tirassem escravos do tronco onde eram castigados. Conta-se que, em maio de 1888, quando foi anunciada a libertação dos escravos, os negros cercaram Hollerbach para festejar com ele o episódio¹.

Faço memória do Pastor João José Alves, natural de Manuel dos

¹ FLUCK, M. R. Análise do protestantismo de imigração do século XIX a partir da ótica da tipologia dos protestantismos. Alguns impulsos acerca da necessidade de uma revisão. In: KOCH, I. S. (Org.). Brasil: outros 500. Protestantismo e resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999. p. 81-84.

Regos, próximo a Solidez e Pelotas, na região sul do Rio Grande do Sul. Para glória da IELB, ele foi o primeiro pastor luterano negro no Brasil, enviado ao Seminário pelo visionário Pastor Augusto Drews. João José estudou em Porto Alegre no Seminário Concórdia e já na década de 1930 foi pastorear em sua terra de origem. A partir de Manuel dos Regos, iniciou um trabalho missionário em Pelotas, para onde se mudou em 1934. João José dominava com perfeição o alemão, língua de estudo da teologia naquele tempo. Na missão, entretanto, pregava predominantemente em português. Infelizmente, em alguns lugares nunca foi bem aceito por causa da forte segregação racial nas comunidades teuto-brasileiras².

Faço memória também do pregador Felício Leopoldino Kaingang, da Reserva Indígena Guarita, noroeste do Rio Grande do Sul. Ele foi despertado para o evangelho pelo Pastor Norberto Schwantes e a lingüista do SIL, Dra. Ursula Wiesemann. No início dos anos de 1960, quando iniciou o trabalho da Missão Guarita, Felício ajudava na tradução das pregações para a língua Kaingang. Em 1967, ele pediu para ser batizado. Dois pastores da IECLB o batizaram nas águas do rio Guarita, ainda que por aspensão, o que causou enorme conflito com o Sínodo Rio-Grandense. Felício foi por muitos anos o pregador da comunidade de Guarita, que existe até hoje³.

Faço memória, por fim, da Irmã Eva Lurdes Reis, integrante da Irmandade da Casa Matriz de Diaconisas. Ela nasceu em Arroio do Tigre em 1949, foi criada na casa da família Enzling, onde aprendeu a falar alemão, e desde cedo participou da vida da comunidade evangélica. Ela é a primeira irmã negra da Irmandade, tendo entrado para a Casa em abril de 1969 e ordenada ao ministério das diaconisas em julho de 1978. Trabalhou com crianças numa creche, na casa de mães solteiras CECRIFE de Novo Hamburgo e em várias outras atividades diaconais. Atualmente faz o curso de Pedagogia e mora em Curitiba⁴.

Essas pessoas deram testemunho de Cristo, viveram e anunciaram o seu evangelho em palavras, atos e orações. Foram missionárias à sua maneira. Hoje nos desafiam a encontrar caminhos para uma missão solidária

2 RIETH, R. W. *Evangélicos de "alma branca": os negros e o protestantismo no Brasil. A discriminação das pessoas negras pelo Estado brasileiro também se refletiu no aspecto religioso.* In: KOCH, I. S. (Org.). *Brasil: outros 500. Protestantismo e resistência indígena, negra e popular.* São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999. p. 190-198.

3 ZWETSCH, R. E. *Com as melhores intenções. Trajetórias missionárias luteranas diante do desafio das comunidades indígenas.* São Paulo: FTNSA, 1993. Dissertação de Mestrado, 1990. p. 281ss.

4 Informações prestadas pela Irmã Ms. Ruthild Brakemeier, a quem agradeço.

movidos pela mesma e única fé que recebemos do Senhor Jesus Cristo. Que o espírito que moveu estas pessoas nos acompanhe em nossa reflexão!

1 - De fé em fé – descoberta e método

Vida cristã é processo, caminhada de fé em fé. A descoberta de Lutero da justificação pela fé por exclusiva graça de Deus significou liberdade de um passado que oprimia e libertação para uma nova vida cristã em testemunho e vivência do evangelho.

Lutero lutou consigo mesmo com todas as armas que conhecia para tornar-se agradável a Deus. Quanto mais lutava, maior era o seu desespero interior e espiritual. Conta-se que se mortificava para vencer o pecado que habitava em seu corpo e consciência. Não encontrava paz. Felizmente, bons amigos o encaminharam para a Escritura. Nela, ele foi se aproximando da luz que um dia iluminou seu pobre coração. Quando descobriu a frase que o justo viverá por fé e a compreendeu em toda a sua inteireza, uma grande alegria tomou conta de sua atribulada pessoa. Nunca mais foi o mesmo. Tornou-se profundo conhecedor da Escritura e, por isto mesmo, o grande Reformador da Igreja cristã no século XVI⁵.

O que desejo destacar aqui é que sua descoberta foi também a percepção de um método. A Escritura como que se abriu aos seus olhos. Lutero tornou-se um paciente e apaixonado estudioso da Palavra de Deus, para a qual havia descoberto uma chave de leitura: o que promove a Cristo. É isto que interessa saber descobrir. Pois toda a obra de Deus se completa em e se dirige para Cristo. É ele quem nos conduz verdadeiramente ao reino e à bem-aventurança da liberdade dos filhos e filhas de Deus.

No Prefácio à Carta aos Romanos, Lutero escreveu que a lei só pode ser cumprida pela fé. Pois sem fé não amamos do fundo do coração e agimos apenas pelas aparências. Mas o que vem a ser tal fé? Ele responde assim: fé verdadeira não é ilusão ou sonho humano. Fé é uma obra divina em nós que nos modifica e faz renascer de Deus. E uma vez em nós, traz consigo o Espírito Santo e se torna algo vivo, atuante, efetivo e poderoso, a tal ponto que não pode cessar de fazer o bem. Ora, tal fé nem mesmo pergunta se há boas obras a fazer, mas antes que surja a pergunta, já as realizou e sempre está a realizar. Fé é uma confiança viva e inabalável na

5 Cf. Prefácio ao primeiro volume da edição completa dos escritos latinos. LUTERO, M. Pelo evangelho de Cristo. Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984. Especialmente p. 30s.

graça de Deus, tão certa de si que não se importa de morrer mil vezes, se for preciso. É esta fé que dá alegria, persistência e agrado diante de Deus e de todas as criaturas.

Conseqüência de tamanha liberdade, esta fé se dispõe voluntariamente a fazer o bem a todo mundo, a servir a todo mundo, sofrer tudo, por amor e em louvor a Deus que demonstrou tamanha graça, de sorte que é impossível separar obras da fé, tão impossível como separar a luz do fogo. Nesse ponto do texto, Lutero faz uma pausa e sugere uma oração: peça a Deus que crie fé em você, senão há de ficar eternamente sem fé. Você, por sua parte, invente e faça o que quiser ou puder.

Chama a atenção no argumento de Lutero o poder criador da fé e a liberdade que ela proporciona. Por isto é que ele conclui: estando na fé, invente e faça o que quiser e puder. O mundo está aí para ser construído e transformado de modo livre e responsável. E esta transformação carece do anúncio do evangelho, do testemunho de um povo santo e cristão.

Esta fé libertadora e consoladora extrapola a vida puramente espiritual e privada. Para Lutero, a fé que recebemos pelo evangelho de Cristo no poder do Espírito é tal que não pode deixar de fazer o bem ao próximo, exaltá-lo, cuidar dele, fazendo tudo para que viva bem e seja salvo. Ele afirma no Prefácio ao Novo Testamento:

E tudo que ela vive e faz, destina-o ao proveito do próximo, para lhe ajudar, não só que ele alcance semelhante graça, mas também no que tange o corpo, propriedade e honra [da mesma forma] como ela vê que Cristo lhe fez, seguindo, portanto, ao exemplo de Cristo. Isto também é o que Cristo quer dizer, uma vez que em última análise ele não deu nenhum outro mandamento senão o amor. Nele se deveria reconhecer quem seriam seus discípulos e crentes verdadeiros; pois onde não irrompem as obras e o amor, a fé não está bem, o evangelho ainda não pegou, e Cristo ainda não foi bem reconhecido.⁶

Que tem esta parte da teologia do Reformador a ver com a missão? Muito já se debateu se Lutero tinha claro para si a idéia de missão. Gustav Warneck, no século 19, afirmou que Lutero tinha uma consciência missionária deficiente, razão pela qual a Reforma foi uma grande decepção sob a perspectiva missionária. O problema dessa avaliação são os critérios com que se fez a hermenêutica de Lutero e sua teologia. Pois outro historiador luterano, Gustav Leopold Plitt, entendia que Lutero foi, sim, fiel à ordem missionária, na medida em que ele a entendia como sendo a necessidade urgente de pregar de novo o evangelho em toda a Alemanha e onde quer que houvesse

6 LUTERO, 1984, p. 176.

peças prontas a ouvi-lo. Para Lutero, a missão é sempre de forma preeminente obra do Deus triúno – ela é missio Dei – e seu alvo e resultado são a vinda do reino de Deus. Como afirma James A. Scherer, Lutero antecipou uma idéia muito atual de que é o reino de Deus e não a igreja o conceito-chave para a missão. Na prece “Venha o teu reino” está contida boa parte do conceito de missão de Lutero. Vejamos só uma citação:

Pedimos, por conseguinte, aqui, em primeiro lugar, que isso tome efeito entre nós, e que destarte seu nome seja exaltado pela santa palavra de Deus e por uma vida cristã, tanto para nós, que a aceitamos, nisso permaneçamos e diariamente progredamos, como também a fim de que alcance assentimento e adesões entre outros homens [hoje, outras pessoas, povos, grupos, tribos, etnias (N.A.)] e marche poderosamente pelo mundo universo, afim de muitos deles, trazidos pelo Espírito Santo, virem ao reino da graça e se tornarem partícipes da redenção, para que dessa maneira todos juntos fiquemos eternamente em um só reino, agora principiado.⁷

Esta vinda do reino acontece de duas maneiras: agora, pela fé; na eternidade, pela revelação de Cristo. É por esta razão que podemos dizer: missão é obra da fé. Nela nasce e por meio dela se realiza. Por isso, arrisco dizer que de fé em fé, caminhamos. Pela fé, anunciamos o evangelho que move pessoas e transforma situações de morte em possibilidades de vida nova. Missão acontece quando a fé cria e faz andar um povo que vive da fé e atua no poder do Espírito, de modo que o poder do mal seja vencido, não sem dor e sofrimento⁸.

2 - Igreja peregrina – igreja missionária

Quando fala da igreja como fruto da Palavra do evangelho, Lutero diz a certa altura: “Porque onde a palavra de Deus é pregada, aceita ou crida e produz fruto, aí também não há de faltar a amada e santa cruz”. Igreja que não vivencia a cruz possivelmente não aprendeu o valor do evangelho e da misericórdia divina. Essa igreja pode muito bem ser reconhecida como instituição religiosa, mas provavelmente não sabe muito bem o que é

7 SCHERER, J. A. Evangelho, igreja e reino. Estudos comparativos de teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1991. p. 44s.

8 BRANDT, H. Identidade luterana: ética, missão, diálogo das religiões. In: WACHHOLZ, W. (Coord.). Identidade evangélico-luterana e ética. Anais do III Simpósio sobre identidade evangélico-luterana. São Leopoldo: EST/Capes, 2005. p. 55-57. Brandt afirma que missão em Lutero não é um tema autônomo, mas está unida ao centro cristológico de sua teologia. Dito de outra forma: “a missão pode ser expressão da identidade luterana porque e na medida em que está fundamentada na fé no Cristo crucificado, o ‘iniciador da fé’” (Hb 12.2).

ser povo de Deus, do Deus de Jesus Cristo, Crucificado e Ressurreto. Não reconhece o que vem a ser missão.

A história da una e santa igreja cristã apresenta ambigüidades em todos os tempos. Santa e pecadora, ela precisou reiteradamente voltar aos seus fundamentos, ao caminho de Jesus e seu evangelho como Palavra de vida e salvação para todas as pessoas, para todos os povos. Assim foi durante a Idade Média com o movimento dos pobres irmãos de São Francisco de Assis, por exemplo. A Reforma foi outro momento de inflexão como volta ao evangelho da graça e do amor de Deus.

Depois da Reforma, a ortodoxia luterana, em meados do século XVII, tornou-se prisioneira de suas próprias armadilhas. Por exemplo, chegou a afirmar que o mandato missionário já não tinha mais validade e que missão cabia exclusivamente aos governantes em seus territórios e domínios, algo muito semelhante ao Padroado ibérico em relação às colônias na América Latina. Mesmo os poucos teólogos que contestaram tamanha estreiteza, não foram ouvidos.

Foi necessário surgir um movimento de renovação como o Pietismo de Philip Jacob Spener, no final do século XVII, para que no século seguinte uma nova idéia de missão se consolidasse a partir da Universidade de Halle, com August Hermann Francke, mas principalmente com a disposição prática demonstrada pelas comunidades pietistas como a de Herrnhut e dos irmãos moravianos. A primeira experiência missionária aconteceu no Caribe, na Ilha de São Tomé, espalhando-se depois por diversos lugares do mundo.

No início do século XIX, sociedades missionárias européias e norte-americanas se tornaram expressão da vocação missionária para o exterior, apelando a ensinamentos comuns da Escritura e não a motivações estritamente confessionais. Foi o caso de sociedades como a da Basiléia (1815), da Renânia (1826) e do Norte da Alemanha (1836) e outras. A orientação teológica propunha construir o reino de Deus em bases ecumênicas, sem reafirmar diferenças confessionais. Entretanto, mais adiante no século XIX houve um reavivamento confessional no luteranismo que implicou fechamento e atitudes antiecumênicas. Várias sociedades missionárias luteranas surgiram com o intuito de implantar igrejas com uma clara identidade luterana em países da Ásia, África, América do Norte e do Sul. Somente em meados do século XX, o luteranismo voltou a uma atitude mais aberta com o movimento de solidariedade interluterana. A expressão institucional dessa solidariedade nós a encontramos na criação da Federação Luterana Mundial (FLM), em 1947⁹. A FLM e o Conselho Mundial de Igrejas (CMI)

9 SCHERER, 1991, p. 57-60.

(1948) são frutos de uma profunda avaliação dos fracassos da missão no início do século XX, sobretudo após as duas Grandes Guerras e os desdobramentos da nova configuração mundial do poder econômico e político.

Hoje podemos dizer que a Igreja de Jesus Cristo está diante de uma disjuntiva crucial: estabelecer-se como uma casa firme sobre a rocha da história, uma igreja respeitada e participante do mundo secular. Ou então, ser igreja peregrina, figura de uma igreja missionária que vive não para si, mas por causa do evangelho e caminha em direção ao reino de Deus, que questiona os reinos deste mundo. Igreja de sacerdotes, autoridades e bispos. Ou igreja de discípulos, discípulas, profetas e profetisas. Igreja: carisma e poder, como o formulou Leonardo Boff na sua análise do catolicismo romano.

Uma teologia da missão corresponde a cada parte dessa disjuntiva. Se o pêndulo recai para a plantação de igrejas, haverá um enorme esforço nessa direção em termos de pessoas enviadas, recursos disponibilizados, estratégias e planos constantemente refeitos, de acordo os frutos alcançados.

Se a ênfase pende para a desinstalação e o voluntarismo, como na pregação itinerante da igreja primitiva ou dos peregrinos que no interior do Brasil anunciavam mensagens apocalípticas, exigindo a conversão das pessoas, curando doentes e proclamando que um novo rei viria para salvar-nos de misérias e maldades, temos então a possibilidade de movimentos messiânicos de transformação das velhas realidades, porém com pouquíssimas chances de sucesso. O tempo da paz e da reconstrução é sempre o tempo futuro que só vem depois da catástrofe que destrói o erro e o pecado.

Sabemos que tais alternativas não nos convencem mais. Mas temos dificuldade de caminhar, de sair das nossas seguranças, arduamente conquistadas, para a peregrinação que nos desinstala, nos deixa inseguros, sem certezas materiais ou espirituais.

Por isto, precisamos ser sacudidos reiteradamente pelo Evangelho que chama à fé e ao discipulado de iguais (Gl 3.26-28)¹⁰. Seguir Jesus como resposta ao seu chamamento implica rever escolhas, estruturas, normas e doutrinas. Implica viver de fé em fé. Nesse sentido, nunca estamos prontos, mas sempre a caminho, dispostos a proclamar as novas de grande alegria a quem quer que seja, segundo a cultura de cada lugar. E muito atentos aos sofredores de todo tipo e lugar, que clamam por respeito, dignidade e valor.

¹⁰ Sobre a proposta do discipulado de iguais, cf. SCHUESSLER-FIORENZA, E. Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.

Igreja como criatura do evangelho é uma realidade dinâmica que não se deixa prender ao passado. Ora, recorrentemente nossas igrejas ficaram presas ao passado, ao que receberam e guardaram como troféu. Somos igrejas fruto de imigração, uma mais antiga, com 180 anos (IECLB), outra, com 101 anos (IELB). Tivemos origens diferentes, ênfases doutrinárias peculiares, formas de vida comunitária cooperativas e a auto-organizativas, mas comunidades também intolerantes, muitas vezes. Ainda assim, temos muito em comum. A começar pela herança da teologia de Lutero, a necessária re-interpretação de seu legado e a contextualização de suas descobertas, além do fato de sermos igreja num país continental e plural como o Brasil, num contexto de grandes transformações e clamores generalizados.

Assim como podemos lamentar que o engajamento do Pastor Hollerbach junto aos escravos não teve continuidade, houve outras oportunidades perdidas, que merecem nossa reflexão. Osmar L. Witt fez um importante estudo sobre o pastorado itinerante do Sínodo Rio-Grandense, em fins do século XIX (pós 1871!). Afirma ele que a Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul – ao lado da escola e da imprensa – foi instrumentalizada nessa época como canal de promoção dos costumes, da língua, do modo de pensar e da cultura germânicos. Conseqüência prática foi insistir na edificação de uma igreja alemã para os alemães e seus descendentes. No trabalho itinerante, no meio de pessoas de origem indígena, africana ou lusa, que abriam suas casas para hospedar os obreiros, eles eram convidados a falar de sua fé nas rodas de chimarrão e, não poucas vezes, pessoas trouxeram suas crianças para que fossem batizadas pelo “padre protestante”. Embora prestativos no atendimento de suas necessidades religiosas, os pastores evangélicos evitavam abrir as portas da Igreja para acolher aquelas famílias. Saíam daqueles lugares gratos pela hospitalidade, mas deixavam um povo sem a possibilidade de começar uma nova caminhada de fé a partir do evangelho. Um desses pastores assim resume sua postura não-proselitista:

Pode a nossa Igreja Evangélica Alemã do Rio Grande do Sul passar fria e insensivelmente ao largo de tais almas, como o levita da parábola? Não! Pois também os nossos co-cristãos brasileiros são nossos irmãos em Cristo e entre nós somos membros uns dos outros. Mas mesmo assim sou de opinião de que o Sínodo Rio-Grandense – como Igreja organizada de língua alemã – não tem a vocação de assistir eclesialmente – como Igreja – os brasileiros que simpatizam com a religião evangélica. Este dever e essa tarefa, entretanto, cabem, quando se der o caso, a cada pastor do Sínodo Rio-Grandense, mas não porque ele é pastor do referido Sínodo, e sim porque é cristão evangélico [...] por ora, o Sínodo como tal, a meu ver, não deve se arriscar a assumir problemas novos e tão infinitamente amplos como o é a evangelização

dos co-cidadãos brasileiros. Entretanto, naturalmente cada pastor do Sínodo dará um gole da água viva que brota de Cristo a todo brasileiro que pedir isso.¹¹

Com olhos de hoje um argumento como este nos parece injustificável. Mas esta é em parte a nossa tradição, que atualmente questionamos em função de uma nova concepção eclesial e missionária. Isto significa romper com uma certa mentalidade de gueto étnico que por muito tempo nos caracterizou como se fôssemos uma igreja exclusiva, com pouca abertura para pessoas de outras etnias. Esta abertura só veio a acontecer, como novidade, após as duas Grandes Guerras da primeira metade do século XX. Ou seja, circunstâncias que causaram sofrimento e dor obrigaram nossos antepassados a rever sua trajetória como pessoas e igreja e a tomar uma decisão crucial para a missão luterana no Brasil. Só fazia sentido sermos evangélicos luteranos se esta identidade cristã estivesse enraizada na terra brasileira. Na IECLB, isto se confirma com a decisão da Federação Sinodal, em 1949, de adotar o nome de Federação Sinodal - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Seus dirigentes estavam finalmente afirmando que o sentido de nossa presença era definitivamente ser igreja neste país com todas as conseqüências que daí viriam. Uma delas foi a percepção de que a dimensão missionária é parte inerente da fé evangélica e que nesse aspecto estávamos em dívida histórica com nosso povo. Nas décadas seguintes, o pensamento missionário começou a ganhar corpo e a se transformar em programas e políticas que tinham em vista a realidade de todo o país. Missionárias e missionários de igrejas irmãs da Europa e dos Estados Unidos deram nesse aspecto importante contribuição.

3 - Fé evangélico-luterana na cultura brasileira

Missão não acontece por decisão unilateral de uma igreja ou de pessoas especialmente habilitadas. Ela se dá em contextos sociais e culturais específicos com suas próprias demandas. Se não soubermos o que é a cultura brasileira em sua diversidade e aprendermos a lidar com ela, não estaremos prontos a testemunhar o evangelho de forma convincente e amorosa ao nosso povo. Também não teremos olhos para aprender o que de cristão este povo já conhece e vivencia. Seria um erro se, na missão, considerássemos as pessoas tábula rasa. A história cultural e religiosa do país apresenta distintas matrizes que estão presentes e se re-atualizam na vida das

11 WITT, O. L. Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996. p. 138s. (Série Teses e Dissertações, v. 8).

pessoas, das comunidades, e acabam por interferir na história das instituições religiosas¹².

Em sua diversidade, a cultura brasileira é extremamente dinâmica e flexível. Mesmo sob o fogo da cultura dominante importada atualmente, sobretudo dos Estados Unidos, existe uma resistência cultural que se pode identificar na música, nos costumes, nas formas de assimilação dos estrangeirismos, nas condutas, e até mesmo nas distintas formas de violência que agridem a dignidade da pessoa humana.

Mais modernamente, um fenômeno generalizado e vinculado ao processo de urbanização acelerado e sem planejamento que fez crescer as cidades no Brasil é o que sociólogos denominam de desenraizamento. É um drama vivido por milhões de famílias brasileiras e que mudou o perfil cultural das pessoas. A população no campo reduziu-se a somente 15% do total, nem por isso ela deixa de ser atingida pela força da cultura urbana. A televisão chega a atingir mais de 90% da população brasileira. O que é algo inédito e traz implicações comportamentais e na escala de valores que atinge em cheio a fé das pessoas. Nenhuma igreja no Brasil pode ignorar fatos dessa envergadura.

Como esta cultura urbana é superficial e serve de espetáculo permanente, tal situação gera insegurança, dúvida, anonimato, despersonalização, numa palavra, desenraizamento das formas de viver, pensar e vivenciar a fé religiosa. A teologia e a prática da missão num contexto em transformação constante como este são questionadas desde os seus fundamentos. Por isto, não imagino que vamos encontrar respostas no isolamento de nossas igrejas ou instituições. Precisamos nos valer do auxílio das ciências sociais, das ciências humanas e da filosofia para aprimorar a nossa capacidade de compreensão desses fenômenos e para refazer nossos referenciais teológico-práticos. Da mesma forma, como igrejas luteranas parceiras, precisamos buscar o entendimento mútuo e as possibilidades de tarefas comuns. Onde e como cooperar? Em que base e a partir de que fundamento teológico? Que testemunho o luteranismo evangélico pode apresentar diante do tão diversificado e complexo mapa religioso brasileiro?

A teologia da inculturação que hoje se faz na América Latina tem sido uma tentativa de considerar seriamente os desafios culturais para uma evangelização que seja culturalmente relevante e espiritualmente fecunda. Outra tentativa é trabalhar a partir da categoria da convivência como mé-

12 BITTENCOURT FILHO, J. Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

todo para descobrir formas de solidariedade e de engajamento com as pessoas que desejamos servir e com quem buscamos construir relações simétricas de testemunho e vivência da fé¹³. O desafio mais recente é, sem dúvida, a elaboração de uma teologia da missão que seja relevante para a vida comunitária e consiga circunscrever criticamente possibilidades e limites da vivência da fé e da compreensão do evangelho no contexto brasileiro.

Acredito, nesse sentido, que a teologia da justificação por graça e fé precisará passar por uma re-interpretação que caminhe na direção da liberdade cristã e da correspondente assunção da fé vivida como solidariedade cidadã. Talvez o motivo bíblico missionário que nos cabe resgatar hoje seja a palavra de Paulo aos Gálatas: "Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos deixeis submeter novamente ao peso da escravidão" (5.1). Essa palavra se completa com outra afirmação do mesmo Paulo em Fl 1.27: "Vivei como cidadãos, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica".

Sem dúvida, a atualização e contextualização da teologia paulina tem tudo a ver com o tema da IECLB para 2005 que anuncia o tema da 9ª Assembléia do CMI, em fevereiro de 2006: "Deus, em tua graça, transforma o mundo". Nessa oração está implicada toda uma nova percepção de que o evangelho ou é transformador de mentes, corações e realidades, ou ele se torna, por nossa estrita omissão e preguiça, conivente com as estruturas de morte que desumanizam as maiorias pobres e desesperançadas desse nosso belo e rico país.

4 - O etos religioso de um povo

Encontramos no Brasil uma mistura de raízes religiosas, indígenas, negras, lusas e outros grupos europeus, além de asiáticos, esses de presença mais recente. Ainda assim, historicamente existem algumas características religiosas comuns que perpassam a sociedade como um etos religioso, que se manifesta em práticas, idéias e aspirações gerais. Magia, crença nos espíritos, a porosidade na relação com o transcendente, com a outra vida, a aura, o Deus onipresente, mas desconhecido, que precisa de intermediários humanos ou espirituais (santos e santas, orixás) para se comunicar com as

13 SINNER, R. von. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica na convivência humana. Estudos Teológicos, ano 44, n. 1, p. 121-126, 2004.

peças simples, a idéia da reencarnação etc. Essas são algumas características desse etos religioso difuso, complexo, mas atuante e presente na vida de milhões de pessoas.

No meio disso, muita violência real e simbólica, fruto do verdadeiro apartheid social que divide o país de alto a baixo. Diante dessa situação, um povo sem poder, mas que resiste a se entregar ao desânimo, elabora suas próprias estratégias de sobrevivência. Uma delas é o jeito de lidar com a realidade de forma mágica. A magia permeia as relações sociais no Brasil e também as relações com o sagrado, com as divindades, com Deus. O colega P. Oneide Bobsin estudou este fenômeno e levanta a seguinte hipótese: no caso dos cultos pentecostais, por exemplo, o uso do dinheiro como oferta não estaria substituindo a vítima dos cultos afro-brasileiros e as oferendas da umbanda ou até mesmo as promessas juntos aos santos do catolicismo popular? Deus exige sacrifícios, dizem pastores da Igreja Universal do Reino de Deus. E sem sacrifício não se alcança prosperidade. Oneide Bobsin conclui seu raciocínio assim: "Suspeito que a magia tenha ocupado o lugar da ética protestante."¹⁴

Num contexto como esse, o povo em sua estratégia de sobrevivência reage e luta. E uma de suas armas é a religião. No Brasil, a religião ou as igrejas são estratégias de sobrevivência, muito antes de serem opções de fé ou de assentimento a uma doutrina. E as igrejas, de modo geral, se encontram entre as instituições públicas que gozam da maior credibilidade no meio do povo. Paradoxalmente, a justiça oficial, o parlamento e as autoridades governamentais aparecem entre as de menor credibilidade e menos confiança recebem. Aceitar esta hipótese de trabalho tem consequências muito importantes quando se pensa em uma caminhada missionária na terra brasileira.

De uma teologia da missão que respeite a realidade e não faça ilusão sobre a boa fé das pessoas pede-se um mínimo de coerência com os fatos. A fé evangélica luterana tem muito a contribuir para a libertação de nossa gente de fatores religiosos alienantes e pouco convincentes. Mas não será com atitudes de superioridade nem de desprezo para com as crenças populares que saberemos alcançar o coração dessas pessoas.

Na prática de Jesus, certamente vamos encontrar exemplos muito oportunos para a nossa situação cultural e religiosa. Ele soube como nenhum outro dialogar com a mentalidade mágica que vigorava no meio do

14 BOBSIN, O. A morte morena do protestantismo branco. Estudos Teológicos, ano 40, n. 2, p. 21-39, 2000.

povo judeu e seus vizinhos da Palestina. A maneira como ouviu os clamores das pessoas, o modo como se compadeceu delas e as consolou, a forma de atender a seus reclamos, por exemplo, com as curas e com as palavras de ânimo que as acompanhavam, a compaixão revelada para com crianças, mulheres, doentes, pecadores e pecadoras públicas, sobretudo, o seu anúncio do evangelho do reino, estão a demonstrar uma atitude muito mais pastoral do que dogmática junto ao povo. Foi esta prática que fez dele o bom pastor, o redentor e libertador, o Senhor e Mestre. Ao mesmo tempo, Jesus não deixou de ser o profeta que – diante dos que a si mesmos consideravam-se justos – soube dizer: ai de vós, os ricos! porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós os que estais fartos! porque vireis a ter fome (Lc 6.24s.).

Uma teologia da missão que parta da prática de Jesus terá que proceder a uma releitura bíblica crítica¹⁵. Uma pastoral libertadora terá forte impacto na realidade cotidiana das pessoas e das comunidades. Ela apontará para um aprendizado em processo, nunca pronto e vertical, mas envolvente e democrático, comunitário e pessoal, crítico e auto-crítico. De fé em fé, como aprendemos de Lutero. Uma fé adulta que assume a realidade histórica e que, à luz da leitura atenta do evangelho, cresce e leva a compromissos pessoais, eclesiais, sociais e públicos.

5 - Caminhar é preciso!

Uma igreja que caminha, sofre, mas aprende. Igreja peregrina transforma e se transforma. Missão leva para o caminho, para as estradas, ruas e becos das cidades. Missão nos conduz ao encontro das pessoas onde quer que elas se encontrem sem condições de qualquer natureza. Missão nos coloca a caminho do reino de Deus. Missão nos faz aprender de Deus. O Deus de Jesus, em quem cremos, é um Deus que está adiante e atrás de nós. Ele não nos abandona. Aliás, ele nos instiga por meio da palavra e do Espírito a transformar nossas mentes para experimentar tal vontade libertadora e criadora de novas realidades.

A missão de Deus para a qual somos chamados nos torna povo de pessoas libertas e libertadoras. Missão é envio, promessa e experiência de alegria. Missão nos constrange a viver e proclamar a fé como solidariedade e compromisso com o novo céu e a nova terra, em que habita a justiça.

15 ALTMANN, W. Lutero e libertação. Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 1994. Especialmente os capítulos 2, 3 e 5.

Missão cristã jamais poderá conformar-se com este século, com as estruturas dominantes que desqualificam os seres humanos mais enfraquecidos como se fossem descartáveis¹⁶. Perante Deus e a partir da fé que justifica a pessoa pecadora, podemos dizer não a esta realidade permeada por uma situação que os bispos católico-romanos da América Latina denominaram em Medellín (1968) como de violência institucionalizada¹⁷. Muitas lutas decorreram desde então, mas o desafio que vem da realidade de injustiças, corrupção e desigualdades continua de pé. Como comunidades cristãs evangélico-luteranas não podemos desistir de levantar nossa voz. Caminhar para uma versão edulcorada da nossa fé que se satisfaz com fortes emoções e apropriação privada das bênçãos de Deus, como parece ser o caso da propalada teologia da prosperidade, de origem norte-americana, seria a meu ver um desastre, ainda que pudéssemos apresentar resultados numéricos impressionantes. De nós se espera fidelidade ao evangelho e à santa cruz, nem mais nem menos.

Igreja missionária será, pois, uma igreja solidária, uma igreja que anuncia e resgata a esperança. Tal igreja vive da fé, na fé e por fé. Igreja missionária será igreja comprometida com o resgate da vida do ser humano em todas as suas dimensões. Igreja missionária será aquela que se empenha por transformar o mundo. Nunca de forma isolada e auto-suficiente, mas em aliança e parceria com outras comunidades de fé que confessam o mesmo evangelho do Senhor Jesus Cristo e por ele arriscam sua vida e sua honra¹⁸.

De uma igreja-para-os-outros, como sugeriu Bonhoeffer no século passado, caminhamos hoje em direção a uma igreja-com-os-outros, uma igreja que assume o risco de sofrer junto nas lutas e nos fracassos da vida. Será ainda e sempre uma igreja-em-missão, igreja que se desinstala para caminhar o caminho que nos está proposto em direção ao futuro que Deus já nos preparou em seu reino que vem.

Esta esperança talvez possa ser descrita como uma permanente tensão criativa, como a definiu o teólogo sul-africano David Bosch. Viver a tensão de forma criativa, arriscar-se, molhar-se na chuva da história, suar a

16 BRAKEMEIER, G. O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

17 CELAM. A igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellín. Conselho Episcopal Latino-Americano. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

18 Um desafio é somar-se às lutas por justiça social e pela defesa do meio ambiente. BOFF, L. Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. 2. ed. São Paulo: Atica, 1996.

camiseta são outras expressões do mesmo objetivo: a vida cristã só faz sentido se a vivemos com os outros, compartilhando os dons e os benefícios que a fé nos dá e renova diariamente. Uma prática missionária nessa linha responde ao típico realismo luterano que já fez história e pode nos ser de enorme ajuda em nossos dias¹⁹.

6 - A missio liberta e une!

Igrejas de fé evangélica luterana só confirmam sua fé ao se engajarem no testemunho. Não se envergonham do evangelho – poder de Deus, mas o proclamam aos quatro ventos, dando a vida por este evangelho libertador. Na missio Dei se encontram e se descobrem dons, carismas, afetos e desafetos que podem ser superados em função do bem maior: caminhar junto com o Senhor da Igreja nesta terra brasileira. A missio é, portanto, o espaço e o compromisso que pode nos libertar e unir. Não por questões de sobrevivência institucional ou por conveniências de época, mas por causa do evangelho – ainda que com nossas diferenças e, por vezes, discordâncias fundamentadas. Creio que a missão de Deus pode e nos torna capazes de caminhar em unidade de propósito e de ação. A missio é francamente o carisma mais ecumênico que existe. O amor, seu sucedâneo e motivo maior²⁰.

De fé em fé, caminhamos. Ainda não somos aquilo para o qual fomos feitos. Ainda buscamos a unidade que já recebemos pela fé. Ainda precisamos caminhar mais tempo juntos para nos conhecermos melhor e aprendermos a amar como Jesus nos amou. Ainda nos falta muito. Falta-nos, principalmente, divulgar melhor a teologia libertadora da Reforma de maneira a permitir que nosso povo a avalie com maior interesse. Mas, apesar disso tudo, caminhamos, crescemos e estamos num processo de tornar-nos – de fé em fé – um povo unido e crente a serviço do evangelho de Cristo na terra brasileira. Esse é o nosso galardão. Esse, o nosso tesouro em vasos de barro. Esse, o desafio que nos conclama à unidade de fé e compromisso e à presteza no testemunho que liberta, une e transforma.

19 SCHERER, 1991, p. 46s. Sobre participação criativa como colaboradores de Deus na missão, p. 68s.

20 Procurei desdobrar para esta 3ª Conferência Interluterana o tema da 1ª Conferência, realizada em novembro de 1998: “Unidade e Missão”. Valeria a pena comparar quanto caminhamos de lá para cá.

Referências

- ALTMANN, W. Lutero e libertação. Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática; São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- BITTENCOURT FILHO, J. Matriz religiosa brasileira. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.
- BOBSIN, O. A morte morena do protestantismo branco. Estudos Teológicos, ano 40, n. 2, p. 21-39, 2000.
- BOFF, L. Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BOSCH, D. Missão transformadora. Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, G. O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDT, H. Identidade luterana: ética, missão, diálogo das religiões. In: WACHHOLZ, W. (Coord.). Identidade evangélico-luterana e ética. Anais do III Simpósio sobre identidade evangélico-luterana. São Leopoldo: EST/Capes, 2005.
- CELAM. A igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio. Conclusões de Medellín. Conselho Episcopal Latino-Americano. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. Juntos na missão de Deus. Uma contribuição da Federação Luterana Mundial para o entendimento da missão. Documento adotado pelo Comitê Executivo da FLM em junho de 1988, em Addis Abeba, Etiópia. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- _____. Mission in Context: Transformation, Reconciliation, Empowerment. An LWF Contribution to Understanding and Practice of Mission. Genebra: LWF, 2004.
- FLUCK, M. R. Análise do protestantismo de imigração do século XIX a partir da ótica da tipologia dos protestantismos. Alguns impulsos acerca da necessidade de uma revisão. In: KOCH, I. S. (Org.). Brasil: outros 500. Protestantismo e resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999.
- LUTERO, M. Pelo evangelho de Cristo. Obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- LUTERO, M. Obras selecionadas. Debates e controvérsias. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992. v. 3.
- RIETH, R. W. Evangélicos de "alma branca": os negros e o protestantismo no Brasil. A discriminação das pessoas negras pelo Estado brasileiro também se refletiu no aspecto religioso. In: KOCH, I. S. (Org.). Brasil: outros 500. Protestantismo e resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999.
- SCHERER, J. A. Evangelho, igreja e reino. Estudos comparativos de teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1991.

- SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). Teologia prática no contexto da América Latina. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.
- SCHÜNEMANN, R. Do gueto à participação. O surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo: Sinodal/EST/IEPG, 1992.
- SCHÜSSLER-FIORENZA, E. Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SINNER, R. von. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica na convivência humana. Estudos Teológicos, ano 44, n. 1, p. 121-126, 2004.
- UNIDADE E MISSÃO DAS IGREJAS LUTERANAS NO BRASIL. 1ª Conferência Nacional Interluterana. 29/10 a 01/11/1998, Rodeio 12, SC. São Leopoldo: CIL, 1999.
- WACHHOLZ, W. Atravessem e ajudem-nos. A atuação da "Sociedade Evangélica de Barmen" e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal/EST, 2003. (Série Teses e Dissertações, v. 19).
- WITT, O. L. Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1996. (Série Teses e Dissertações, v. 8).
- ZWETSCH, R. E. Com as melhores intenções. Trajetórias missionárias luteranas diante do desafio das comunidades indígenas. São Paulo: FTNSA, 1993. Dissertação de Mestrado, 1990.
- _____. O futuro da missão cristã: uma perspectiva latino-americana. Theophilos. Revista de Teologia e Filosofia, Canoas, v. 2, n. 1, p. 49-83, jan.-jun. 2002.
- _____. A inserção da teologia na cultura brasileira. Simpósio. Revista teológica da ASTE, São Paulo, ano XXXVI, n. 45, p. 56-67, nov. 2003.
- _____. Missão e ecumenismo: desafios e compromissos. Caminhando com o Itepa, Passo Fundo, ano XX, n. 71: Missiologia, p. 12-31, dez. 2003.